



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, domingo, 27 de janeiro de 2013

A CRITICA sim & não OPINIÃO	1
A CRITICA Cultura 'soft power' CIDADES	2
AMAZONAS EM TEMPO Recuperação de produção industrial será gradual PAÍS	3
AMAZONAS EM TEMPO Produção de tablets pode se concentrar em Manaus ECONOMIA	4
AMAZONAS EM TEMPO Contexto OPINIÃO	5
AMAZONAS EM TEMPO Alfredo MR Lopes ECONOMIA	6
DIÁRIO DO AMAZONAS Crise reduz movimento de cargas aéreas em Manaus ECONOMIA	7
DIÁRIO DO AMAZONAS Sefaz inicia testes para implantar nota fiscal eletrônica a consumidores ECONOMIA	8

sim & não

Aniversário Completou dois anos a promessa do ministro do Mdic, Fernando Pimentel, de vir a Manaus, sem que tenha dado o ar da graça na cidade. O governador do Amazonas, Omar Aziz (PSD), reclama que a ausência demonstra falta de interesse com a ZFM por parte do Governo Federal.

Investimento O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDS) estuda instalar uma representação em Manaus. A informação foi dada pelo superintendente da Suframa, Thomaz Nogueira, após sair de reunião, na sexta-feira, no Rio de Janeiro, com diretores do banco.

Manaus, domingo, 27 de janeiro de 2013.

Cultura 'soft power'

Começo com uma pergunta ousada: porque não a cultura como opção central para a redenção econômica do nosso Estado? Heresia? Desvario? Delírios de um ficcionista? O que preferimos? Seguir a esquizofrenia da prorrogação da Zona Franca, agora por um século, no futuro por um milênio, ou abandonar esse entulho autoritário e avançar para além do "pós-fordismo"? No mundo atual da supremacia da economia financeira sobre a economia industrial e mercantil, e a economia de serviços que marca a modernidade. Neste admirável mundo novo a cultura é o "soft power", a força invisível que atravessa fronteiras. O "soft power" é a atração, não a coerção. E qual é a matéria prima deste "poder macio"? Conteúdo. Melhor, conteúdo

criativo. Para nós, que estamos na periferia, é possível a nossa inserção? A corrida já deu a sua largada e no momento os Estados Unidos lideram com uma boa distância. Mas ante o espetáculo norte americano e a cultura europeia novos fluxos mundiais de conteúdos começam a ter peso próprio. É toda uma cartografia de trocas culturais que vai se desenhando. Na Ásia, na América Latina, no Oriente Médio, na África, o crescimento progressivo das indústrias poderosas do audiovisual e da informação coloca questões novas que os antigos esquemas não são capazes de dar conta. A Amazônia tem todos os requisitos para deixar para trás esse modelo infértil da Zona Franca, repudiar a ideologia do primitivo que alimenta o ecologismo e avançar para a



criação de seu "soft power". No lugar da fábrica fordiana de trabalho intensivo e baixos salários, a indústria criativa que produz conteúdo invés de buginganga. As indústrias criativas não derrubam florestas para plantar soja, não atiram metais pesados no leito dos rios, como fazem as indústrias ditas não poluentes do distrito industrial de Manaus. No plano da economia mundial as indústrias criativas perdem em lucros apenas para a indústria bélica. A medida que nosso gigantes surgem no horizonte econômico a produção de divertimento, arte e informação igualmente aumenta. A Amazônia, apesar de sua história de adversidades, conseguiu mostrar excelência no plano cultural, produzindo grandes e inovadores artistas em todos os campos. Este é um capital intocado, mais rico e mais valioso que a própria natureza. É hora de surfarmos na emergência

das culturas emergentes. Neste quadro, a avaliação dos programas de desenvolvimento econômico impostos à Amazônia é extremamente negativa. Não vamos agora tratar da desastrosa política de mineração e fundiária que destruiu a Amazônia Ocidental, especialmente o Estado do Pará. Ficaremos apenas no marco estabelecido pela implantação da Zona Franca de Manaus e seus desdobramentos posteriores na nossa cidade. O modelo Zona Franca é perverso porque foi feito para evitar qualquer reação das forças tradicionais do Amazonas, esse modelo de desenvolvimento autoritário usou uma política de incentivos fiscais para instalar um enclave exportador, fez de Manaus e da Amazônia Ocidental um nicho de projetos industriais eletroeletrônicos e projetos agropecuários de menor porte. No que toca à divisão do trabalho, as

indústrias da Zona Franca operam as fases finais de montagem e acabamento do produto. Fases que exigem um número maior de mão-de-obra. Extensões de grandes conglomerados multinacionais, as indústrias da Zona Franca são administradas de maneira exógena e seu capital pouco é afetado pela disponibilidade local. São indústrias que tudo trouxeram de fora, da tecnologia ao capital majoritário, e que do Amazonas somente aproveitaram a mão-de-obra barata e os privilégios institucionais. Com essa estrutura industrial altamente artificial, a Amazônia Ocidental teve o seu quinhão da política de integração nacional. A promessa de prosperidade nunca se cumpriu e nem se cumprirá e seguiremos periféricos, rústicos e baratos.

Recuperação de produção industrial será gradual

Emora a previa da Sondagem da Indústria de janeiro, divulgada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), aponte uma melhora na produção do setor no início de 2013, analistas acreditam que a recuperação ainda deva ser bastante gradual. O Índice de Confiança da Indústria (ICI) aumentou de 0,2% em relação ao resultado de dezembro, atingindo 106,6 pontos. Já o Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) da indústria avançou 0,4 ponto percentual, para 84,5%, o maior patamar desde janeiro de 2011.

Avaliação

Na avaliação do economista Rafael Bacciotti, analista da Tendências Consultoria Integrada, a confiança na indústria registrou leve aceleração nos últimos meses, mas ainda alavancada pelo setor de bens duráveis, beneficiados pela redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). "De maneira geral, é um crescimento pouco disseminado entre os segmentos", afirmou Bacciotti. "Esse número de janeiro indica praticamente uma estabilidade. Não há muita novidade no

quadro da indústria", acrescentou. O Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi) acredita que a produção volte ao terreno positivo em dezembro de 2012, mas que ainda mantenha desempenho modesto no início de 2013. "Não estamos esperando nenhum resultado

NÍVEL

Em contrapartida, o Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) da indústria avançou 0,4 ponto percentual, para 84,5% o maior patamar desde janeiro de 2011

que possa contrastar com o que temos visto no fim de 2012. A produção deve seguir em ritmo lento em janeiro, nada que possa indicar uma recuperação mais contundente de fato", declarou Rogério César de Souza, economista-chefe do Iedi. O Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco recebeu os números com mais otimismo.



A confiança na indústria registrou leve aceleração nos últimos meses, segundo avaliação do economista Rafael Bacciotti

Atividade terá maior dinamismo em 2013

Em nota, o diretor de Pesquisas e Estudos Econômicos da instituição, Octavio de Barros, afirma que a melhora na avaliação da situação corrente na prévia de janeiro sugere um maior

dinamismo na atividade no início de 2013.

Continuidade

"De forma geral, esse resultado sugere continuidade da retomada da ativi-

dade industrial no primeiro trimestre deste ano. Isto, por sua vez, está em linha com as nossas expectativas de que a permanência de estímulos governamentais, a melhora do setor externo

e a contribuição positiva da agropecuária e das vendas de caminhões devem favorecer a persistência da recuperação da economia brasileira neste início de ano", avaliou Barros.

Produção de tablets pode se concentrar em Manaus

Direitos constitucionais e incentivos fiscais podem atrair mais fabricantes do eletroeletrônico para o polo neste ano

JULIANA GERADO
Especial EM TEMPO

Em posição favorável na guerra fiscal contra São Paulo, o Amazonas pode recuperar fabricantes de tablets "perdidas" no ano passado. Para representantes da indústria local, como o "sinal verde" do Supremo Tribunal Federal (STF) e uma resolução do Senado Federal, ainda em trâmite, o Polo Industrial de Manaus (PIM) poderá concentrar toda a produção do aparelho do país.

"Estamos passando por um restabelecimento da competitividade. As condições hoje são favoráveis para que o PIM concentre toda a produção de tablets do país", garante o presidente do Sindicato da Indústria de Aparelhos Elétricos, Eletrônicos e Similares de Manaus (Sinaees), Celso Piacentini.

Uma das "cartas na manga" do Estado é a decisão favorável do STF, proferida no dia 29 de outubro do ano passado, em relação à Ação Direta de Inconstitucionalidade (Adin) 4.635/2011. A medida impediu São Paulo de zerar o imposto de bens de informática por meio da geração de

crédito tributário.

Segundo Piacentini, o incentivo anteriormente em vigor para a indústria paulista, que atraiu empresas como a Foxconn para a produção de tablets da Apple, era ile-

saindo de São Paulo e vindo para o Amazonas, mas como o governo paulista vive um momento de incerteza tributária, neste momento estamos mais confortáveis com a situação", enfatiza.

Enquanto isso, a Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee) aumenta a pressão sobre o governo de São Paulo por medidas de compensação aos efeitos da Adin. Segundo a associação, a medida impacta no custo de fabricação de produtos paulistas como tablets, smartphones e celulares, que podem sofrer reajuste de até 10% nos preços.

ATRATIVOS

Decisão favorável do STF em relação a Adin 4.635/2011 e resolução que garante a alíquota do ICMS em 12% para o Amazonas, garante vantagem ao Estado em relação a São Paulo

gal e estava prejudicando a atração de investimento do Amazonas.

Para o dirigente, a decisão do STF, somada à resolução, ainda em andamento no Senado, em relação à guerra fiscal que mantém a alíquota interestadual do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) em 12% para o Amazonas garante um momento bom para a atração deste tipo de investimento. "Não podemos dizer que as fábricas estão

Sem acordo

Desde o ano passado, o governo paulista tenta negociar com o Amazonas uma saída para as "perdas" sofridas pelo Estado. Entretanto, o presidente do Centro da Indústria do Estado do Amazonas (Cieam), Wilson Périco, afirma desconhecer qualquer intenção de acordo.

Já Celso Piacentini reforça a ilegalidade "praticada" pelo Estado de São Paulo. "Os incentivos fiscais que eles estavam concedendo eram ilegais", argumenta.



WERTHER SANTANA/AE

O governo paulista atraiu Foxconn e Apple com incentivo fiscal concedido de forma arbitrária

Negociações sem sucesso

O secretário da Fazenda do Estado do Amazonas, Afonso Lobo, admite que no final de 2012 a Sefaz-AM chegou a estabelecer contato com o secretário da Fazenda de São Paulo, Andrea Calabi, mas as negociações foram suspensas.

"As negociações foram

interrompidas com a reação do governo paulista frente à situação da reforma tributária. Atualmente, a posição do Senado favorece o Amazonas, que continua a operar com alíquota de 12% de ICMS, enquanto o restante dos Estados, incluindo São Paulo, terá a

alíquota interestadual unificada em 4%. A tensão entre as partes suspendeu as conversas", esclarece.

O secretário estima que o "impasse" entre os Estados só seja resolvido após a aprovação da resolução do Senado para acabar com a guerra fiscal.

Contexto

Samsung na frente

Com 213 milhões de unidades produzidas, a sul-coreana Samsung liderou o setor, com 57% de aparelhos a mais que a segunda colocada, Apple, e seus 135,8 milhões de iPhones.

Terceirona

A Nokia, que era dona do antigo recorde de 100,1 milhões de smartphones produzidos em um ano – que foi batido em 2012 pela Samsung – , permaneceu na terceira posição, apesar de ter reduzido sua produção de celulares inteligentes para menos da metade do realizado em 2011.

Alfredo MR Lopes

Sinergia inadiável

Os gregos esbanjavam precisão e clareza sempre que migravam conceitos da física para explicitar fenômenos no cotidiano das humanidades. É o caso do conceito de sinergia, que ilustra com eloquência a amplitude das vantagens desse exercício de inteligência e elucidação. Usado na fisiologia para descrever ações interligadas na execução dos movimentos de sistemas, de elementos anatômicos ou biológicos, a sinergia se aplica nas ações de cunho social para destacar os resultados substantivos da coesão dos membros de um grupo ou da coletividade em prol de um objetivo comum. Sua antonímia, a propósito, de acordo com os dicionários, é mais eloquente ainda e se resume a um único conceito: a desinteligência. São magros, pois, e asnos, os resultados das ações solitárias. Com efeito, quando se trata de ações ou projetos de intervenção no bioma amazônico, por sua fragilidade e complexidade, o axioma grego ganha estatuto de necessidade, fundado na comprovação empírica e histórica, e se configura como pano de fundo e requisito de sólidas parcerias como promessa e conquista de efetivos resultados. Tem sido assim.

Nesta semana tive a oportunidade de acompanhar uma comitiva do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), uma instituição financeira criada, no âmbito das Américas, há mais de meio século, para o combate da pobreza e redução das desigualdades, comprometida em seu ideário com os parâmetros de crescimento

socioeconômico na perspectiva da sustentabilidade. Na agenda de visitas aos vários organismos e entidades locais - para a prospecção de parcerias interinstitucionais - o que mais chamou a atenção foi uma vontade coletiva, inexplicavelmente contida, de avançar no atendimento de um clamor generalizado de diversificação e interiorização da economia e da prosperidade. Uma convicção que, à luz da concentração de negócios na capital, se confirma na multiplicidade de iniciativas, de atores e setores empenhados em estudar, propor e materializar projetos coerentes com as vocações econômicas fundadas nos insumos regionais. Um cardápio variado e estimulante de oportunidades na perspectiva daquilo que, à boca pequena, se está chamando de Plano B, em consonância ou por consequência, do modelo incentivado da Zona Franca de Manaus.

As experiências são múltiplas, os ensaios promissores e os avanços, muitos deles, robustos e elucidativos. O polo industrial se expande, mas tem data de vigência fiscal e restrições infraestruturais. No relato das entidades, emergiram as experiências do setor agrícola, as novas cadeias produtivas; em se tratando de novas tecnologias, o encanto das conquistas da Fucapi, na inovação e no design tropical. No âmbito estadual, os novos arranjos produtivos da conservação e manejo florestal, as promessas da geodiversidade, da aqüicultura, do polo de fertilizantes, naval, gás-químico, as experiências simbólicas, proféticas e

arrojadas da Agência de Financiamento, seus percalços, crenças e conquistas, concomitantes à união de missões e propósitos do Inpa/Suframa, otimizando presença e recursos federais na região, apostando na migração do conhecimento e dos projetos desde o laboratório até o chão de fábrica. Enfim, uma listagem de ações robustas que sugerem a iminência de significativas transformações.

Faltam, porém, cientistas, são escassos os tecnólogos, ausentes os protocolos de ordenamento dos marcos regulatórios, e precária a oferta de gestores e empreendedores que sistematizem projetos e parcerias, que levem adiante a evidência das novas perspectivas de bons resultados propiciados por numerosas unidades demonstrativas na produção de alimentos, serviços ambientais, oportunidades em todos os níveis e arranjos funcionais. Falta, sobretudo, cumplicidade, que começa pela socialização da informação, das demandas, dos acertos e, inclusive, dos fracassos, na medida em que o somatório de inteligências e esforços são garantias efetivas de superação e ajustes. Essa conjugação de energias - a sinergia imperativa e inadiável - vai assegurar otimização de recursos, identificação de fragilidades, intercâmbio de sugestões e proposições de saídas, que vão motivar e autorizar o desembarque de novos apoios e de efetiva solidariedade institucional.



Alfredo MR Lopes
Filósofo e ensaísta

“

Quando se trata de ações ou projetos de intervenção no bioma amazônico, por sua fragilidade e complexidade, o axioma grego ganha estatuto de necessidade”

Crise reduz movimento de cargas aéreas em Manaus

Com a exportação, a indústria local liderou a queda na movimentação



De acordo com a Infraero, passaram pelo terminal 170.892 toneladas de carga em 2012, volume 6,71% menor em relação ao ano anterior

TEXTO Rosana Villar
FOTO Raimundo Valentim

MANAUS

A movimentação de cargas pelo Terminal de Logística do Aeroporto Internacional Eduardo Gomes apresentou queda em 2012. Os envios destinados à exportação do Polo Industrial de Manaus (PIM) foram os mais afetados,

e retraíram 18,41%, na comparação com 2011.

De acordo com os dados da Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero) passaram pelo terminal 170.892 toneladas de carga, volume 6,71% menor que o do ano anterior.

Entre os envios e recebimentos domésticos, houve queda de 5,06% nos embarques e de 12,79% nos desembarques.

Em 2012 foram descarregados 5,079 mil toneladas.

No embarque de produtos com destino ao exterior, o volume foi 18,41% menor em 2012, quando foram transportadas 316 toneladas.

De acordo com o coordenador do Centro Internacional de Negócios (CIN), da Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (Fieam), José Machado Lima, a queda nas ex-

portações ainda é reflexo da crise econômica mundial. "Na realidade, com a crise de 2008 houve uma desaceleração, cujo reflexo no Amazonas veio surgir a partir de 2011. São consequências da conjuntura do mundo, que afetaram e ainda afetam todo o País", afirma.

O empresário observa que, com a atual situação política da Venezuela e a continuidade da crise em boa parte dos países

européus, será preciso expandir a negociação com investidores e novos mercados na Ásia e, principalmente, na América do Sul. "Diante da nossa realidade, será preciso alargar essas fronteiras do PIM".

A quantidade de cargas importadas desembarcadas no terminal de Manaus também teve pequena retração no ano passado, de 0,29%.

Sefaz inicia testes para implantar nota fiscal eletrônica a consumidores

▼ Pioneiro no País, novo modelo permitirá aos compradores visualizarem as faturas pela internet

FOTO Alfredo Fernandes/Divulgação Agecom

MANAUS

Após digitalizar o processo de emissão de nota fiscal para a indústria e o comércio, a Secretaria de Estado da Fazenda (Sefaz-AM) começou a fase de testes para implantar a nota fiscal eletrônica para os consumidores. O novo modelo reduz os custos para as empresas, aumenta o controle fiscal e vai dar ao consumidor a possibilidade de visualizar a compra em aparelhos smartphone e tablets e acompanhar suas despesas anuais pela internet.

Sete empresas, entre redes de supermercado, lojas de eletrodomésticos, material de construção e farmácias, estão participando do projeto piloto. A iniciativa é pioneira no País e foi acertada durante a reunião do Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz), realizada em 2011, em Manaus. Além do Amazonas, Acre, Mato Grosso, Sergipe, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul estão em processo de digitalização da nota fiscal. A previsão é que a mudança seja concluída em um prazo de dois anos.

De acordo com o líder estadual do projeto pela Sefaz, Luiz

FRASE



Luiz Dias.

Líder do projeto

É uma tendência natural essa evolução porque esse novo sistema traz muitos benefícios tanto para os contribuintes quanto para as empresas”

Dias, as lojas escolhidas testaram o ambiente virtual de transações e agora começam a fazer as primeiras operações com o público. No segundo semestre, outros empreendimentos serão convidados a participar da experiência. Com a modernização, o fisco estadual desburocratiza o processo e barateia os custos para as empresas. Atualmente, a impressão do cupom fiscal só pode ser feita em máquinas específicas, dotadas de ferramentas de segurança, e com autorização prévia da Sefaz. O equipamento tem um custo médio de cerca de R\$ 3 mil e exige gastos mensais com manutenção em

torno de R\$ 600.

“É uma tendência natural dessa evolução porque esse novo sistema traz muitos benefícios tanto para os contribuintes quanto para as empresas”, comenta o encarregado fiscal da Casa das Correias, Adebeel Alves. A empresa participa do projeto-piloto e já adaptou seu sistema interno para trabalhar em conexão com a Sefaz. Os testes com a nota fiscal para os consumidores estão sendo feitos em um dos caixas de atendimento da loja.

Outra vantagem para os comerciantes é a redução das despesas com papel, o que também é uma medida ecológica, avalia a Sefaz.